

CATHERINE CLÉMENT
Dez Mil Guitarras

Tradução
EDUARDO BRANDÃO



Copyright © 2010 by Éditions du Seuil

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Dix mille guitares

Capa
Victor Burton

Preparação
Carlos Alberto Bárbaro

Revisão
Huendel Viana
Mariana Zanini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Clément, Catherine

Dez mil guitarras / Catherine Clément ; tradução Eduardo Brandão. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

Título original: Dix mille guitares.
ISBN 978-85-359-2014-7

1. Literatura infantojuvenil I. Título.

11-12835

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

2012

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

SUMÁRIO

PRÓLOGO

A última cruzada	13
------------------------	----

PRIMEIRA PARTE

O cruzado	17
Memórias do rinoceronte	19
Filipe II, rei da Espanha	28
As cartas do jesuíta	34
O Maluco. <i>Fez, 10 de março de 1577.</i>	38
O embaixador, conde Hans Khevenhüller. <i>Madri, 15 de março de 1577</i>	42
O relato do bada. <i>Os cães dos favoritos</i>	46
O cão Pátroclo	50
O relato do bada. <i>Um garoto de capuz.</i>	53
Yasmin. <i>Sintra, 20 de abril de 1577.</i>	56
O relato do bada. <i>A visita do sultão.</i>	61
Cartas de frei Simão Gomes ao rei da Espanha	63
As aulas sobre Amadis	66
Última carta de frei Simão Gomes ao rei da Espanha	71
O embaixador da Áustria, conde Khevenhüller. <i>30 de maio de 1577</i>	72
O relato do bada. <i>Não está à venda</i>	74
O relato do bada. <i>O poeta do rei.</i>	76

A audiência de Madri. <i>Khevenhüller presta contas ao rei da Espanha</i>	81
O encontro de Guadalupe. <i>Dezembro de 1577</i>	83
O fantasma de Joana	89
O relato do bada. <i>Sebastião possesso</i>	92
O embaixador da Áustria. <i>O olho furado da princesa</i>	95
O Conselho do rei. <i>Lisboa, castelo de São Jorge, janeiro de 1578</i>	97
Belém, um dia ensolarado	102
O embaixador, conde Khevenhüller. <i>Tudo está perdido, tudo está salvo</i>	109
A partida da cruzada. <i>Lisboa, 22 de junho de 1578</i>	112
O relato do bada. <i>O adeus de Sebastião</i>	114
Na África. 1578	116
4 de agosto de 1578	120
O relato do bada. <i>Lisboa, 22 de agosto de 1578</i>	128
Na África. <i>O sheik Tidjane Abdallah</i>	131
O rei Henrique. <i>Lisboa, 1579</i>	133
Na África. <i>Convalescência do rei</i>	137
Filipe I, rei de Portugal. <i>Buquês de rosas para as infantas</i>	139
Belém, mosteiro dos Jerônimos. <i>10 de dezembro de 1582</i>	141
Na África. <i>A agenda de um rei</i>	144
O relato do bada. <i>Madalena</i>	146
O relato do bada. <i>A viagem a Madri</i>	149
Na África. <i>As bodas de Sebastião</i>	155
O bada vai morrer. <i>Madri, 1584</i>	157
Na África. <i>Um império minúsculo</i>	163

SEGUNDA PARTE

O alquimista	165
Rodolfo de Habsburgo. <i>No coração das guerras de Deus</i>	167
Na África. <i>Aparição dos djins</i>	174

O castelo	176
Fausto coroado	178
Na África. <i>Roupas reais</i>	185
O relato do chifre. <i>Arcimboldo em ação</i>	187
Na África. <i>Issacar, príncipe herdeiro</i>	193
Pedro melancólico	195
Na África. <i>Segundo ataque dos djins</i>	200
O leão judeu. <i>Praga, 23 de fevereiro de 1592</i>	202
O relato do chifre. <i>Animal, Golem, menino endiabrado</i>	208
Raia o dia	217
Na África. <i>O cristão de Alá</i>	219
O Golem. <i>Praga, fevereiro de 1592</i>	223
Na África. <i>Controvérsia sobre a escravidão</i>	230
A noiva eterna. <i>Praga, 10 de agosto de 1589</i>	232
Na África. <i>Nascimento dos gêmeos</i>	235
O relato do chifre. <i>O confeitiro de Madrigal</i>	237
Na África. <i>A renúncia do rei Sebastião</i>	245
O relato do chifre. <i>Astros numa coroa</i>	247
Na África. <i>Casamento misto</i>	250
O relato do chifre. <i>Praga, fevereiro de 1608</i>	252
A morte oculta numa rosa	254
O relato do chifre. <i>A morte do velho Pedro</i>	257
Na África. <i>O quarto filho do rei Sebastião</i>	262

TERCEIRA PARTE

A bárbara	265
A todo-poderosa senhorita, princesa e donzela	
Cristina, rainha da Suécia. <i>Estocolmo, 1636</i>	267
Na África. <i>A primeira esposa do cristão de Alá</i>	274
As misérias da guerra. <i>Estocolmo, 1648</i>	277
O relato do chifre. <i>Cristina e sua bela</i>	281

Na África. <i>A morte do sheik Tidjane Abdallah</i>	288
O relato do chifre. <i>Um cavaleiro francês</i>	290
O balé do senhor Descartes	294
Na África. <i>O Quinto Império</i>	297
O relato do chifre. <i>Desvirginamento real</i>	299
Uma varinha na fruta	304
A morte do filósofo. <i>Estocolmo, janeiro de 1650</i>	307
Na África. <i>As laranjas da princesa Yasmin</i>	310
O relato do chifre. <i>A rainha Cristina abdica</i>	312
Na África. <i>Metamorfozes do rei Sebastião</i>	321
O relato do chifre. <i>Uma fina gravata preta, botas e uma espada</i>	323
Na África. <i>Junho de 1665: a morte do rei encoberto</i>	325
 EPÍLOGO	
Amo a tempestade	327
Cronologia dos fatos relatados	337
Agradecimentos	345

Principais personagens

(por ordem de aparição)

D. Sebastião I de Avis, rei de Portugal
Pedro da Silva, palafreheiro em Lisboa
Conde Hans Khevenhüller, embaixador do imperador Rodolfo
em Madri
Filipe de Habsburgo, rei da Espanha e de Portugal
Dona Joana, sua irmã, ou irmão Mateo, ou irmão Montoya, re-
gente da Espanha, mãe de Sebastião
Irmão Simão Gomes, da Companhia de Jesus
Luís de Camões
Abdelmalik, dito o Maluco, sultão legítimo do Marrocos
Mulay Mohammed, sultão destituído do Marrocos
Yasmin, sua filha
Francisco de Villarte
Sheik Tidjane Abdallah
Rodolfo II de Habsburgo, rei da Boêmia, imperador do Sacro
Império Romano-Germânico
Imperatriz Maria da Espanha, sua mãe
Imperador Maximiliano da Áustria, seu pai
Giuseppe Arcimboldo
Yehudah Loewe ben Bezalel, dito o maharal, grão-rabino de
Praga
Cristina Vasa, rainha da Suécia
Johann Matthiae, seu preceptor

René Descartes

Pierre-François Chanut, embaixador do rei da França junto à
rainha da Suécia

Cardeal Décio Azzolino

E

O rinoceronte, também chamado de bada

O cachorro Pátroclo

A cadela Cassiopeia

A elefanta

A mandrágora

O bezoar

A águia

Os guepardos

O Golem

A zibelina

Prólogo

A ÚLTIMA CRUZADA

A batalha foi travada numa campina do Marrocos, em 4 de agosto de 1578.

O terreno era plano, limitado por um rio cujas águas talvez tenham subido por causa de uma tempestade de verão. No campo dos cristãos havia dez mil portugueses, mercenários alemães e italianos, dois mil espanhóis, um inglês católico e uma tropa de mouros comandada por um jovem sultão. No campo oposto, um velho sultão defendia seu reino contra o invasor, um rei de vinte e quatro anos que apoiava seu adversário.

Vinte mil homens de um lado, trinta mil do outro.

Ao cair da noite, jaziam três soberanos. O velho, de uma crise cardíaca; seu rival, afogado. O terceiro estava irreconhecível, mas testemunhas juraram que eram dele aquele corpo ensanguentado e aquela cabeça sem nariz.

Os dez mil portugueses tinham perdido seu rei. Mas era mesmo ele? Quem podia garantir? Oficiais cativos reconhecendo um corpo desfigurado, despojado das suas insígnias reais? Ora! Não era verdade. Ele sobrevivera, escapara, voltaria, não podia morrer. O rei de Portugal, d. Sebastião, o Desejado, esperança de seu povo.

Quando o sol se ergueu sobre o campo de batalha, dez mil guitarras permaneceram na areia, abandonadas em Alcácer-Quibir.

O jovem rei desaparecido era o filho póstumo de um infante português e de uma filha da Espanha.

Casado aos dezesseis anos, seu pai morrera num 2 de janeiro, em 1554. Sebastião de Avis nasceu no dia 20, e sua mãe o aban-

donou, preferindo voltar ao convívio do irmão, o rei da Espanha, em Madri. O povo português chamou o recém-nascido de crucificado, fruto dos soluços, filho das lágrimas, nascido do ventre dos suspiros, mas por fim um só nome permaneceu: *O Desejado*.

Ao completar três anos, sucedeu ao avô, o rei, que acabava de falecer. Sua avó exerceu a regência, e depois seu tio, Henrique, mas só Sebastião brilhava. Devido às circunstâncias de seu nascimento, o povo o adorava. Aos nove anos, presidiu as cortes, a assembleia da nação. Aos catorze, chegado à maioridade, reinou.

Foi um adolescente febrilmente católico, piedoso, que sonhava com as cruzadas. Na época, ninguém mais pensava nelas, caras demais, as cruzadas, demoradas demais, custosas em vidas, mas ele só pensava nisso, arregimentar um exército, atravessar o oceano e fundar um império no Marrocos.

Assim o fez. Contra todo bom senso, assim o fez. Venerado por seu povo, e sem outro apoio, o jovem nascido póstumo partiu para a cruzada no Marrocos. Assim o fez, e foi um desastre, como se espera sejam os desastres militares quando se arregimenta um exército para ir invadir um país muçulmano e, menosprezando os povos, vai-se com o espírito da cruzada, animado pela confiança em Deus, *In God we trust*. E nessa época remota, o chefe dos exércitos comandava suas tropas no campo de batalha, arriscando a vida.

Assim o fez. O rei Sebastião desapareceu no norte do Marrocos.

Dizem que ele não morreu; que, aliás, ele voltou. Uma vez, duas vezes, três vezes. Desde 1578, o ano da catástrofe, muitos portugueses aguardam seu retorno.

Ele foi o último da dinastia fundada por d. João, grão-mestre da ordem de São Bento de Avis, a trajar a túnica branca com a cruz em forma de flor-de-lis ornada por duas aves no lado esquerdo. Bastardo de rei, eleito por aclamação, o grão-mestre da ordem fundou a dinastia de Avis em 1385 com o nome de João I, glória de Portugal.

Vizinha incômoda, a Espanha se tornou prima-irmã de Portugal. Os Habsburgo decidiram desposar os Avis. Os soberanos portugueses desposavam as princesas espanholas, os soberanos da Espanha, as princesas portuguesas. Os laços matrimoniais são entre os reinos tão estreitos e tão sólidos que ali impera o consan-

guíneo. Não se sai dos Habsburgo, não se sai dos Avis. Prefere-se o incesto.

Quando Carlos v abdica, em 1555, Filipe II, rei da Espanha, que reina sobre a Flandres, herda colônias das Américas Central e Latina, a saber, de todo o sul do continente americano, à exceção do Brasil português; Filipe possui na Ásia arquipélagos e ilhas, que deverá conservar. Mas suas preocupações não param por aí. Precisa vigiar o Sacro Império Romano-Germânico, confiado a um ramo um pouco insano da família.

A loucura é a falha dos impérios, o reverso das alianças.

É louca a rainha Joana de Castela, avó de Filipe, internada por quarenta e nove anos. Nos Habsburgo, a cabeça é grande e pesada, mas fraca, ó meu Deus! Tão fraca que um nada a põe em movimento. Claro, desde que as grandes expedições devastaram os mundos e enriqueceram a Europa, um rei louco causa menos estragos do que antes. As especiarias transitam, o ouro é investido e as colônias estão garantidas. Ainda assim...

Na família, o rei Filipe II contou por ora três cabeças fracas. Três loucos.

O mais distante, Rodolfo de Habsburgo, seu sobrinho, arquiduque da Áustria, imperador eleito do Sacro Império, vive em Viena. Aí não ficará. Sonha morar em Praga. Às vezes ele desespera, às vezes exulta.

O mais próximo, Sebastião, filho de sua irmã Joana, é rei de Portugal. São dele os tesouros da Índia e do Brasil, os entrepostos portugueses nas costas da África, aqueles onde vivem os mouros e aqueles onde vivem os negros; ele é duque da Guiné. O rei da Espanha zela com ainda maior atenção por esse sobrinho caprichoso, pois a mãe, Joana, vive em Madri, e o filho, em Lisboa.

A cabeça mais fraca, porém, o mais louco dos três, terá sido seu próprio filho, o infante d. Carlos, príncipe herdeiro corcunda e assassino, o qual foi preciso trancafiar em uma torre. Carlos, o infante maldito, morreu por se recusar a comer. De todas as dores, é a mais cruel do rei Filipe.

É preciso viver. Caçar, educar, reinar, punir os mouros que ficaram na Espanha, paparicar a Inquisição, manter a paz. É preciso rezar. Angariar tesouros para a edificação.

Os tesouros dos Habsburgo são conservados em Viena. Lá se encontra o grande peitoral de plumas verdes da ave Quetzal, símbolo do poder do imperador asteca Montezuma, troféu que Cortés trouxe depois de o ter deixado morrer. É lá também que estão os cálices antidotos, esculpidos em chifre de rinoceronte da Ásia.

A maior parte dos tesouros do Kunsthistorisches Museum vem do castelo de Praga, onde o imperador Rodolfo, sobrinho de Filipe II, constituiu sua câmara das maravilhas. A coleção do imperador Rodolfo foi o primeiro museu europeu: animais emalhados, quadros de Arcimboldo, corais extravagantes, autômatos, mandrágoras, esqueleto de dragão, dente de víbora. Um esqueleto de rinoceronte.

Seu chifre antiveneno transformado em copo com aros de ouro.

O rinoceronte do imperador Rodolfo pertencera em vida ao jovem rei Sebastião e, depois do desastre, a seu tio da Espanha. Sabe-se quase tudo desse rinoceronte graças ao embaixador do imperador da Áustria, que o acompanhou vivo de Lisboa a Madrid, e, morto, até Praga. Posteriormente, no fim da Guerra dos Trinta Anos, a câmara das maravilhas foi saqueada pelos exércitos suecos e o chifre foi parar nas mãos da rainha Cristina. Ela abdicou e o chifre a seguiu em seu exílio dourado.

Conhecem-se as origens do rinoceronte. Ele nasceu ao pé do Himalaia, num pântano ao norte da atual Bengala Ocidental. Com sua armadura, suas patas curtas, seus olhinhos piscando sob a carapaça, seu chifre ereto e seu célebre sexo, ele é feito à imagem do século XVI. É um guerreiro obstinado, sensível e colérico. Chega a assemelhar-se a Aguirre.

Não é todo dia que conhecemos um animal que cruzou a Índia em toda a sua extensão e que, depois de navegar de Goa a Lisboa, encontra-se no zoológico de um palácio real para encantar os soberanos, um jovem rei português, um velho rei da Espanha, um imperador alquimista, uma rainha bárbara. Morto, continua sua jornada. E seu chifre está em Viena.